



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**VITÓRIA CÉZAR GONÇALVES**

**7 DE JANEIRO: A FESTA ITAPARICANA**

Salvador  
2025

# VITÓRIA CÉZAR GONÇALVES

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito para aprovação na graduação da Faculdade de Comunicação no Programa de Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Professor Doutor Leonardo Abreu Reis - FACOM/UFBA

Salvador  
2025

# VITÓRIA CÉZAR GONÇALVES

## 7 DE JANEIRO: A FESTA ITAPARICANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Graduada pela Faculdade de Comunicação, pelo Programa em Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 10 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora

Leonardo Abreu Reis – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Letras pela PUC-RJ  
Mestre em Memória Social pela UNIRIO  
Docente da cadeira de fotografia e iluminação em cinema e audiovisual - FACOM - UFBA

José Roberto Severino \_\_\_\_\_  
Doutor em História Social pela USP  
Mestre em História pela UFSC  
Docente associado da Faculdade de Comunicação – UFBA

Milton Araújo Moura \_\_\_\_\_  
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA  
Mestre em Ciências Sociais pela UFBA  
Docente aposentado de História da UFBA

A meu pai Adailson Pereira Gonçalves em memória se não fosse por ele com certeza não teria chegado até aqui, que mesmo diante das condições da vida sempre priorizou o estudo das filhas, e sempre será meu maior exemplo de ser humano, a minha mãe Celeste Maria, e a avó paterna de minha filha Iraildes Santana que foi o meu alicerce nessa jornada, a minha filha Maria Valentina que será meu maior e mais importante combustível para nunca desistir independente das adversidades da vida, a minha grandíssima Maísa professora de história do ensino médio, que plantou a semente para eu me tornar a mulher que sou hoje, as minhas irmãs Gabriela e Maria Tereza por todo apoio dado sempre que necessitei ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ex-presidenta Dilma Rousseff, pelas políticas estudantis que, viabilizaram a minha trajetória acadêmica, atravessar diariamente a Bahia de Todos os Santos, não era fácil: Ser mãe, estudar em outra cidade e trabalhar, mas venci. Aos amigos de trabalho da SEMPS Vera Cruz, por todo apoio que me deram quando precisava, gratidão meus queridos, pela empatia, consideração e amizade. A Deus que sempre em todo momento, sempre esteve comigo, me protegendo, me guardando, me guiando.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico essa graduação ao meu pai Adailson Pereira Gonçalves em memória, que sempre colocou a educação em primeiro lugar, que sempre fez sacrifícios para que eu e minhas irmãs tivéssemos as melhores oportunidades, se não fosse por ele, eu não estaria escrevendo esse texto. A avó paterna de minha filha, Iraildes Santana, que era a responsável por guardar meu tesouro, minha filha, enquanto estudava. A minha mãe Celeste Maria, mulher forte, guerreira, alicerce da minha família, grande inspiração, meu porto seguro. A minha irmã Gabriela, hoje advogada que honrou lindamente a nossa família, mesmo passando por todas as dificuldades e provações que passou e teve a honra de ter meu pai em vida à abençoando no primeiro momento mais importante da sua vida profissional. A Maria Tereza minha irmã caçula, com ela aprendi a ter responsabilidade, as minhas avós Maria José e Terezinha muito orgulho de ser descendente de mulheres tão incríveis e poderosas como vocês, que mesmo passando por muitas dificuldades, sempre foram altivas, poderosas, donas de si.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ex-presidenta Dilma Rousseff, que, diante das políticas sociais de esquerda em especial as políticas estudantis me oportunizaram ser bolsista na graduação o que me deu certo conforto durante o processo acadêmico, principalmente por morar na Ilha e ter a necessidade de atravessar todos os dias.

A minha querida Maísa Paulo, professora de história do ensino médio minha mentora de vida, minha amiga, que abriu os meus horizontes para questões importantíssimas na vida de uma mulher preta, com ela aprendi a lutar pelo que acredito, a me posicionar, a argumentar, entendi que os estudos nos levam a lugares inimagináveis, e que somos quem queremos ser. Ao querido José Roberto Severino, que me apresentou com maestria o curso de Produção Cultural, há 10 anos atrás. Lembro com muito afeto da minha primeira aula com Beto no auditório da FACOM, ele um verdadeiro apaixonado pela cultura e suas particularidades, e me apaixonei também, queria poder ter sido uma aluna melhor, mas diante da minha situação, mãe de uma criança de um ano e três meses fui a melhor poderia.

Ao meu orientador Leonardo Reis por toda paciência que teve comigo ao longo desses quase 2 anos de desenvolvimento deste trabalho, onde mudei de tema três vezes e pensei que não conseguiria chegar até aqui.

Felipe Brito, meu primo e historiador local, que me deu todo suporte necessário para eu desenvolver esse trabalho, mesmo com a vida corrida de produção que ele tem sempre que precisei de algum apoio durante o processo, sempre pude contar com ele. Ao querido Lucas Souza, que se disponibilizou em gravar as imagens para o meu documentário, sem ele eu não conseguiria mostrar tanta verdade, e amor que o povo Itaparicano tem pela Festa do 7 de Janeiro.

A todos os amigos que participaram do vídeo: Felipe Brito, Cida Sacramento, Raimundo Sacramento, Emanuel Pita, Augusto Albuquerque, Joel dos Santos, Tania Regina, Reynan Reis, Janesson Gonçalves, Sergio Caldas. O depoimento de todos eles reforçaram o que eu sempre soube, a nossa história é única, e o nosso Caboclo é Vivo.

*“Hoje é sete de Janeiro,  
libertação desta cidade  
Onde os Guaranis tombaram  
Pela nossa liberdade.”*

GONÇALVES, Vitória Cezar. **7 DE JANEIRO: A FESTA ITAPARICANA.** Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

## **RESUMO**

Este memorial tem como objetivo detalhar o processo de criação, e embasamento teórico do Trabalho de Conclusão de Curso, em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Composto por um mini documentário intitulado: 7 de janeiro: A Festa Itaparicana. A ideia do filme surgiu a partir de uma inquietação minha como Itaparicana, em saber como a população em geral via e vivia o 7 de janeiro, principalmente de 2022 pra cá, quando começou a acontecer paralelo a comemoração cultural, grandes shows musicais. Ele foi gravado entre os dias 6 a 20 de janeiro de 2025, na cidade de Itaparica, e teve como protagonistas pessoas que vivem o 7 de janeiro com muita intensidade, o que reforçou ainda mais a ideia de Protagonismo do Povo Itaparicano. Com o objetivo de através dos depoimentos reforçar a perpetuação dessa festa que é celebrada há 200 anos. No filme os entrevistados falam sobre a sua relação com a festa, a importância da data para a cidade. Em paralelo as entrevista mostro também, trechos importantes da parte cultural dos festejos.

**Palavras-Chave:** Cultura, Memória, Identidade, Pertencimento, Itaparica

## **RESUMEN**

This memorial aims to detail the creation process, and theoretical basis of the Course Completion Work, in Communication with specialization in Production in Communication and Culture at the Federal University of Bahia. Composed of a mini documentary entitled: The Celebrations of the 7th of January as the greatest symbol of Identity of the Itaparicano people. The idea for the film came from my concern as an Itaparicana, in knowing how the general population saw and experienced the 7th of January, especially from 2022 to now, when the cultural celebration began to take place in parallel, large musical shows. It was recorded between January 6th and 20th, 2025, in the city of Itaparica, and had as protagonists people who experienced January 7th with great intensity, which further reinforced the idea of Protagonism of the Itaparicano People. With the aim of, through testimonials, reinforcing the perpetuation of this festival that has been celebrated for 200 years. In the film, the interviewees talk about their relationship with the party, the importance of the date for the city. In parallel with the interviews, I also show important excerpts from the cultural part of the festivities.

**Keywords:** Culture, Memory, Identity, Belonging, Itaparica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>8</b>
2.1	DELIMITAÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO.....	8
2.2	A ESPETACULARIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES .....	11
<b>3</b>	<b>A ILHA DE ITAPARICA .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>O MUNICÍPIO DE ITAPARICA E O 7 DE JANEIRO.....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>DOCUMENTÁRIO.....</b>	<b>26</b>
5.1	METODOLOGIA DO PROJETO AUDIOVISUAL.....	26
5.2	JUSTIFICATIVA.....	28
5.3	OBJETIVO GERAL.....	28
5.4	OBJETIVO ESPECÍFICO.....	29
5.5	PÚBLICO ALVO.....	29
5.6	CRONOGRAMA.....	29
5.7	ETAPAS DO PROJETO.....	30
5.7.1	PRÉ PRODUÇÃO .....	30
5.7.2	PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	31
5.7.3	PRODUÇÃO.....	32
<b>6</b>	<b>EDIÇÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>7</b>	<b>EQUIPE E CUSTOS.....</b>	<b>34</b>
<b>8</b>	<b>ESCOLHA DO TÍTULO DO PROJETO.....</b>	<b>34</b>
<b>9</b>	<b>IDENTIDADE VISUAL.....</b>	<b>34</b>
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE A .....</b>	
	<b>APÊNDICE B .....</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso está situado na Faculdade de Comunicação no Programa de Produção em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA e pretende contribuir com os avanços de estudos e pesquisas que tratam dos festejos do 07 de Janeiro enquanto maior símbolo de identidade do povo itaparicano.

A festa da Independência da cidade, é a mais importante de Itaparica, é nela que comemoramos há 202 anos, o protagonismo do povo itaparicano nas lutas pela Independência da Bahia e conseqüentemente do Brasil. A presença do Caboclo como elemento principal do desfile, representando simbolicamente a bravura do povo de Itaparica, e a relação da população com a festa.

A partir da delimitação deste objeto de estudo levantamos a seguinte pergunta de investigação: **Qual a relação da sociedade Itaparicana com a Festa do 7 de janeiro? O que ela representa?** Nesse sentido, esta produção que se converte em um documentário tem como objetivo final mostrar como os festejos culturais do 7 de janeiro - Independência de Itaparica. A tradição do Cortejo dos Caboclos de Itaparica pelas ruas da cidade, a encenação do Auto da Roubada da Rainha e a reverência à imagem do Caboclo, mesmo com os grandes Festivais que vem acontecendo na cidade, sempre será protagonista.

O documentário intitulado: 7 de Janeiro a Festa do Povo Itaparicano, surge da inquietação particular, de uma Itaparicana que desde sempre viveu essa festa e percebeu como ela se transformou, principalmente nesses últimos quatros anos. A questão central é, qual a relação dos Itaparicanos com a Festa do 7 de janeiro? Existe a possibilidade de extinção dessa manifestação cultural, tão forte, e significativa para a História do Brasil?

Os Festejos do 7 de janeiro é a comemoração do Povo Itaparicano, pelas batalhas aqui travadas que culminou na Independência da Bahia e conseqüentemente do Brasil, nela o protagonista é a imagem do Caboclo que representa a participação popular nas lutas que aconteceram na cidade, cheia de nuances, carregada de elementos simbólicos muito significativos como por exemplo, os fochos, o carro do caboclo, a própria imagem, a encenação do Auto da Roubada da Rainha, tudo isso faz com que o 7 de janeiro seja único.

O documentário está muito embasado, com referencial teórico do trabalho, principalmente com os conceitos de Identidade e Pertencimento, temas centrais do filme.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1. DELIMITAÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Para entender o processo em que se constrói, desenvolve e se fundamenta o produto deste memorial, trouxe algumas reflexões e discussões acerca dos conceitos de identidade e pertencimento. Segundo o dicionário online Michaelis (2015), identidade é:

1 Estado de semelhança absoluta e completa entre dois elementos com as mesmas características principais. 2 Série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las. 3 Aquilo que contribui para que uma coisa seja sempre a mesma ou da mesma natureza.

Na construção das relações sociais e das manifestações culturais de um povo e/ou território, deve-se levar em conta o questionamento do “quem sou eu”, a partir disso pode-se analisar os pontos de interseções desses diferentes “sois” para identificar as características predominantes daqueles grupos.

Porém, é preciso compreender que a construção do “quem eu sou”, relaciona-se diretamente com as vivências, tempo, local e grupo do indivíduo em questão, ou seja, o processo identitário é puramente coletivo.

O Questionamento do quem eu sou, muitas vezes, vem acompanhado das seguintes perguntas: “De onde eu vim? “Para onde eu vou ? O que permite perceber que o tempo e o espaço são fatores determinante nesta percepção, onde o passado é tido como ponto de partida na caminhada identitária e o futuro é o ponto de chegada. A Identidade além de conceituar e contextualizar, também norteia os caminhos da jornada do indivíduo nas suas relações pessoais.

É importante também destacar, que este é também um conceito fluido, pois não é algo imutável. Além disso, este conceito desdobra-se nas identidades de raça,

classe e gênero, o que determina como esta pessoa se enxerga no mundo e como o mundo enxergará esta pessoa, o que muitas vezes, torna-se um fator de conflitos.

Moriconi (2014) nos traz a reflexão:

“A identidade é construída durante todo o decorrer da vida, e ela é passível de mudanças de acordo com os momentos e fases que cada um vive. Porém isso não significa que de repente eu esquecerei minha identidade e me tornarei totalmente diferente, como se com a renovação eu estivesse começando sempre do “ponto zero” da nossa vida.

Manuel Castells (1999) define a “identidade como um processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece(m) sobre outras fontes de significado”.

Moreno (2014), JC em seu artigo Revisitando Identidades Brasileiras, destaca que, “as identidades são sempre construção, mas não necessariamente invenção no sentido de um ato de poder deliberado, conscientemente imposto e assimilado integralmente”.

Já Maturana e Rezepka (2003) no livro “Formação Humana e Capacitação” defendem que a identidade “não é uma propriedade fixa, mas um modo relacional de viver que se conserva no conviver.” Afirmam que existe uma identidade sistêmica e que quando modificada a dinâmica do sistema a “identidade” ou “ser” estará também sujeito a uma modificação.

Conectado com o sentido de Identidade, existe o sentimento de pertencimento, que assim como o conceito acima, inicialmente trago à reflexão o que nos diz o dicionário Michaelis (2015): “Coisa que, por disposição de lei ou destinação natural, se acha ligada ao uso de outra a que presta utilidade, pertence”.

Moriconi (2014), no artigo intitulado de “*Pertencimento e Identidade*” diz:

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria.

A reflexão desses autores, dialoga com o que o senso comum entende como pertencer a algo ou a alguém, e isso irá direcionar como será a sua relação com aquilo que se sente pertencente.

O sentimento de Pertencimento, embora perpassa pelo campo da subjetividade, seu desdobramento resultará em ações práticas, como exemplifica Mariconi na citação acima. A força desse sentimento é expressada a partir do significado que o indivíduo insere sobre algo, alguém ou lugar. Assim, é possível perceber a conexão da Identidade com o conceito de pertença.

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Dessa forma, leva-se a inferir que existe uma relação simbiótica entre os sentimentos de identidade e pertencimento, pois o indivíduo percebe que não é possível pertencer aquilo que não se identifica de algum modo. Assim, a falta deste proporciona uma cenário de esvaziamento do ser, da consciência e do sentir.

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

O sentimento de pertencimento torna possível a libertação das pessoas. Desta forma, percebemos a importância da manutenção da memória coletiva, a partir de elementos, signos, eventos, heróis e histórias que inspiram a força de um determinado grupo, a exemplo disso temos a Bandeira e o Hino Nacional, como elemento identitário.

Esse sentimento levará o indivíduo a se enraizar, a se formar como um ser, nutrir-se do que há ali criando a sua identidade. Com a identidade firme e consistente ele poderá passar pelo desenraizamento, pois poderá ir para qualquer lugar que seus princípios sempre estarão presentes, suas referências serão claras e sua essência consistente, libertando-o. Como se fosse um movimento, uma práxis da identidade. (Moriconi, 2014)

## 2.2 A ESPETACULARIZAÇÃO DAS CULTURAS POPULARES

Na necessidade do convívio comunitário, tornou-se inerente ao ser humano a criação de ritos de passagens de seus costumes, seus hábitos, seus signos e seus elementos identitários. Somado a isso, desde os primórdios, os indivíduos são acometidos com a sensação de medo do esquecimento que a morte provoca, assim, a ideia de cultura tem por objetivo a perpetuação da memória daquele grupo, muitas das vezes grupos que possuem alguma conexão seja biológica ou territorial. De acordo com o dicionário online Michaelis (2024), podemos definir cultura como:

1. Ato, processo ou efeito de trabalhar a terra, a fim de torná-la mais produtiva; cultivo, lavoura. 2. Ato de semear ou plantar vegetais. 3. Ato de cultivar células ou tecidos vivos numa solução com nutrientes, em condições adequadas, a fim de realizar estudos científicos. 4. Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social. 5. Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria.

Acima, trouxemos diversos aspectos de conceitos básicos de culturas, dentre eles se encontram os âmbitos da Biologia, da Agricultura e da Antropologia, que embora divergem no campo do conhecimento, o entendimento de cultura se baseia na continuidade, seja no Agricultor para dar continuidade na plantação de determinado vegetal, seja no Biólogo na cultura de células para dar continuidade na origem de novas células, ou seja nos indivíduos na passagem de seus hábitos. Assim, o ponto de convergência é a ação de garantir o que se tem. Neste estudo, iremos nos apegar no conceito antropológico como ponto de partida.

O ser humano é um agente coletivo, e a perpetuação desses saberes necessita se dar de forma coletiva, pois é a interseção destes comportamentos que é possível criar um perfil identitário do coletivo. Desse modo, a cultura popular surge como uma ferramenta geral de um público que compartilha do sentimento de pertencimento a um território. Segundo a Enciclopédia Online (2024) Enciclopédia Significados, pode-se definir Cultura popular como “Cultura popular é um conjunto de costumes, tradições e manifestações sociais específicas de uma região ou país”.

Para ampliar o entendimento, Carvalho (2014) traz que:

Para definir minimamente o campo em discussão, as culturas populares podem ser concebidas, em termos gerais, como um

conjunto heteróclito de formas culturais – música, dança, autos dramáticos, poesia, artesanato, ciência sobre a saúde, formas rituais, tradições de espiritualidade – que foram criadas, desenvolvidas e preservadas pelos milhares de comunidades do país em momentos históricos distintos.

Ainda sobre culturas populares, Carvalho (2014) acrescenta:

Em um nível diferente de abstração, podemos dizer que a autogestão e a auto sustentabilidade comunitárias são os princípios que organizam a produção das culturas populares, enquanto a oralidade é o seu meio predominante de expressão e de transmissão.

A partir desses entendimentos, é possível perceber que as culturas populares são os resultados amplos e práticos do sentimento comum de identidade de um grupo que se sente pertencente a um lugar, a este grupo chamamos de sociedade. A estratégia mais eficaz, porém, orgânica, para preservar a memória coletiva de um povo, chama-se cultura popular.

Contudo, ao longo dos anos, e somado com o advento da globalização, é possível perceber que as culturas populares tem sentido impactos com tal evento, sobretudo na contemporaneidade, a exemplo disso, podemos perceber no campo da linguagem, cada vez mais comum, a substituição de termos originários por termos de línguas estrangeiras, tem- se também a substituição das manifestações artísticas, como o samba de roda em detrimento ao *fitdance*, *tik tok* e etc. Muitas das vezes, esses impactos, acham força nos preconceitos enraizados em nossa sociedade, sobretudo no que tange crenças e religiosidades. De acordo com Carvalho (2014)

Nos primeiros séculos dessa invasão, a maioria das expressões artísticas e as técnicas de espiritualidade não cristãs dos povos indígenas, dos africanos escravizados e das classes populares permaneceram sem maior interesse de exploração por parte da elite branca controladora do Estado, da economia e dos meios de produção. Aquelas tradições foram simplesmente silenciadas ou exterminadas em nome de um projeto de dominação cultural intolerante, a um só tempo eurocêntrico e católico romanizador.

Somado a esta reflexão, é possível perceber o fenômeno da espetacularização das culturas populares, muitas vezes, no sentido de atender as demandas do mercado. Porém é preciso entender as manifestações envolta destes acontecimentos e como isso implica nos sentimentos de identidade e pertencimento

às culturas populares. De forma básica, o Dicio, Dicionário Online Português (2024), traz a espetacularização como:

Ação de tornar algo ou alguém espetacular, de atribuir a natureza de espetáculo, de magnitude a essa coisa ou pessoa.

E ainda acrescenta de forma ampliada e teorizada, a seguinte reflexão:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (Debord, 1992)

Ainda temos, de acordo com Debord (1992):

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível.

Para ampliar a discussão, Debord (1992) ainda traz o seguinte:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

De acordo com os pensamentos de Debord (1992):

O espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele não é nada mais do que a

economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores.

Diante de todo o exposto, somos levados a refletir o quanto a nossa sociedade é fruto da espetacularização, onde muitas vezes, se torna contraditório e volátil “as decisões de uma sociedade” sobre o que é sucesso ou não. Geralmente sem nenhum critério coerente e consistente, essas decisões são expostas massivamente pela mídia. Desse jeito, é possível que aconteça com as construções de identidade e pertencimento, onde a partir da espetacularização de algumas manifestações artístico-culturais, é possível que o indivíduo possa fortalecer esses sentimentos ou até mesmo enfraquecê-lo, podendo incorporar outras culturas a sua identidade.

Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada. (Debord Guy, 1992)

No âmbito das culturas populares, percebe-se que muito tem se falado e dado visibilidade a algumas manifestações culturais, sobretudo aquelas que por muito tempo foram invisibilizadas e demonizadas por conta do racismo estrutural da sociedade brasileira.

Há autores que apontam que essas espetacularizações são estratégias do pensamento capitalista para atender as demandas do mercado e alimentar uma indústria cultural, cujo objetivo é meramente o lucro.

Diante das análises de Carvalho (2014):

Atualmente, assistimos a um interesse crescente por manifestações populares, que por muito tempo não despertaram a atenção das classes dominantes nacionais, nem da indústria do entretenimento. Quando essa indústria (apoiada pelo Estado e mediada pelos segmentos de classe que controlam suas principais instituições) avalia que certos clichês e certas modas da cultura popular comercial começam a declinar, nessa espécie de bolsa de valores de bens estéticos e simbólicos do mundo (bolsa evidentemente informal, à qual pertence Hollywood), ela passa a procurar expressões culturais tidas como virgens, remotas ou exóticas, que possam ser transformadas em novos bens simbólicos e estéticos comercializáveis. Para isso, coloca todas as tecnologias audiovisuais a serviço da mobilização cultural. Primeiro, colocá-los sob a lupa do

marketing, para avaliar o potencial econômico do, exótico, e depois, frente aos holofotes do entretenimento, para que passem a render dividendos para os produtores e os empresários.

As manifestações artístico-culturais (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc) já não são somente dos seus atores protagonistas. As culturas populares, no mundo contemporâneo e globalizado, têm despertado muito interesse dos grupos midiáticos, de turismo, de lazer e entretenimento, das indústrias de bebidas, de alimentação e de tantas outras instituições empresariais.

Podemos utilizar como exemplo as festas tradicionais juninas da região do Nordeste brasileiro; as Festas do Bumba-Meu-Boi em São Luís, no Maranhão; Boi Garantido em Manaus, especialmente em Parintins, Peão Boiadeiro em Barretos no Estado de São Paulo, e tantas outras tradições culturais identitárias, que agregam valores da sociedade do espetáculo e de consumo para se atenderem às demandas do mercado global na comercialização de bens culturais diversificados.

Segundo Meira Trigueiro (2006):

As empresas que promovem entretenimento e turismo têm suas localizações cada vez mais abstratas, ou seja, são empresas que já não pertencem a um território. Mas, os produtores culturais populares locais continuam enraizados no seu chão, no seu lugar, porém sem perder de vista o mundo de fora, visibilizado pela mídia. Ao mercado e à sociedade global não interessa o universalismo simbólico das culturas, até porque os conceitos, como se pensava nos anos 1960, de "aldeia global" ou de instauração de um "McMundo" não vingaram, nem mesmo com a globalização cultural e, os acontecimentos culturais são cada vez mais regionalizados com a globalização. Lia de Itamaracá, cantora pernambucana de temas folclóricos, só aos 59 anos ganha o seu espaço na mídia nacional e internacional depois que é descoberta pelos produtores de bens culturais do mercado global. É um exemplo claro dessa mediação cultural entre o popular e os processos midiáticos."

Contudo, faz-se necessário levar ao entendimento que não é somente por comer outras comidas típicas de outras regiões, vestir outros tipos de vestimentas para eventos regionais, na espetacularização das festas tradicionais, que o brasileiro vai deixar de ser brasileiro, que o baiano vai deixar de ser baiano, e tantos outros exemplos.

A globalização não elimina as diferenças e não equaciona as desigualdades culturais. Ao contrário, nesses processos de

hibridização a apropriação pela mídia das tradições populares brasileiras e especialmente as nordestinas, não ocorre passivamente, porque os campos da recepção são tencionados no interior dos subsistemas dos campos culturais, que se interligam pelas redes de comunicação do local, onde operam os mediadores ativistas na apropriação, incorporação e conversão dos bens culturais midiáticos para as suas práticas da vida cotidiana. São manifestações culturais que estão em constante processo de mudança de significado. Portanto, não faz mais sentido essa preocupação de estudar, fora desses contextos, as possíveis "deturpações", "descaracterizações" das manifestações das culturas populares nas sociedades midiáticas ou, como queiram, na sociedade dos espetáculos.

Nesse sentido, avançamos para a próxima seção para reconhecer os elementos teóricos que nos permite entender do ponto de vista geral e específico a cidade da Ilha de Itaparica.

### **3. A ILHA DE ITAPARICA**

A Ilha de Itaparica é considerada a maior Ilha marítima do Brasil, localizada no Estado da Bahia, geograficamente cercada pelas famosas águas da Baía de Todos os Santos, colocando-a assim há 13 quilômetros da sua capital - Salvador - numa média de 40-45 minutos de viagem de transporte marítimo coletivo.

A Ilha de Itaparica possui uma grande importância sócio-histórica no Estado da Bahia, onde se tornou cenário de grandes batalhas e personagens que levaram a grande independência no 2 de julho, bem como, sempre foi um ponto de abastecimento natural, alimentício, mão de obra e cultural para a capital.

De acordo com Moreira (2013):

A baía de Todos os Santos tem na Ilha de Itaparica o seu melhor reduto natural, não somente natural, mas cultural e cênico, a exemplo de manguezais, restinga, mata atlântica, espécies endêmicas, pesca, aves migratórias, animais em extinção, terreiros de candomblé, artesanato, falésias, fontes de água mineral, museus, igrejas, fortes, festas populares e unidades de conservação.

De acordo com escritos de Osório, em seu livro A Ilha de Itaparica: história e tradição, 1979, A Ilha de Itaparica juntamente com a Baía de todos os Santos, foi invadida por expedição portuguesa com o comando do expedicionário Gaspar de Lemos e acompanhada por Américo Vespúcio, que foi enviada para mapear as

novas terras, descobertas em 22 de abril de 1500, por Pedro Álvares Cabral. Era o dia 1º de novembro, Dia de Todos os Santos na tradição da religião católica. Por costume, nomeava-se todos os acidentes geográficos de acordo com os santos dos dias onde os mesmos eram identificados — cabendo à baía, portanto, este nome. (Osório, 1979)

Segundo Osório (1979) O nome “Itaparica”- segundo alguns estudiosos da língua tupi guarani antiga, significa “cerca feita de pedras” e esse significado dialoga bastante com a formação geográfica do território, já que a Ilha é cercada por uma grande extensão de recifes, chamado de Recifes das Pinaúnas, formando assim uma barreira natural que é similar a uma cerca. No entanto, na memória coletiva do povo, e registros históricos presentes nas obras de Ubaldo Osório, o termo “Itaparica” é referente ao nome do cacique “Taparica” líder indígena da etnia dominante da Ilha. O Frei Santa Rita Durão, um poeta agostiniano, que ficou famoso por suas poesias no período Brasil Colônia, em seu poema épico Caramuru, reforçou tal hipótese quando escreveu: "De Taparica um príncipe possante que domina e dá nome à fértil ilha".

[...] o nome Itaparica possui duas formas e várias acepções: Caparica, devido a ser assim batizada pelos expedicionários portugueses; Itaparica, oriundo de “Itapari”, em alusão à corda de recifes que protege a costa oceânica; ou simplesmente Taparica, em alusão ao chefe da tribo dos tupinambás, pai de Catarina Paraguassu. (Osório, 1979, p. 196)

A história passada da Ilha passa pela ocupação da área pelos Tupinambás, que aqui dominavam, com seus costumes antropofágicos. Segue-se a ocupação pelos portugueses, iniciada com a instalação de Diogo Álvares Correia, em 1509, o Caramuru, que esposa a índia Paraguassu, batizada, posteriormente por Catarina, filha do Tubixá (Morubixaba), equivalente a cacique em outras tribos, o mais poderoso da área de nome Taparica. E com base em Moreira, com a ocupação do Brasil por Portugal, em 1534/1536, a Ilha de Itaparica foi concedida a D. Antônio de Ataíde, segundo Conde de Castanheira, pelo regime das Capitânicas Hereditárias. (Moreira, 2013)

Segundo o IPHAN (2014):

Sua posição estratégica tornou-a alvo de inúmeros invasores que pretendiam a conquista da cidade de Salvador, a capital da Colônia, e das ricas vilas de Maragogipe e Cachoeira, cujo acesso se fazia

pelo rio Paraguaçu. Tal localização fez com que a ilha fosse duramente castigada, tendo seus engenhos incendiados, fatos que também explicam o grande número de fortalezas em seu território para, mediante fogo cruzado, impedir o ataque inimigo. Em 1647, o holandês Segismundo Schkoppe ocupou a ilha e construiu um forte para garantir a ocupação. Em 1704, após a saída dos holandeses, da região, o governador Dom Lourenço de Almeida ordenou a construção do atual Forte de São Lourenço, no mesmo local do antigo forte.

Para agregar ao conhecimento, o IPHAN ainda traz:

A localização do Forte de São Lourenço foi estrategicamente importante por dois motivos: impedia o desembarque de inimigos no único porto natural da ilha, além de proteger e abrigar as pequenas embarcações vindas do Recôncavo que abasteciam a cidade. Sua função era defender a entrada das barras dos rios Paraguaçu e Jaguaribe.” (IPHAN, 2014)

Em relação ao aspecto econômico, a Ilha sobrevive principalmente da pesca, conforme o professor Queiroz (2001), de Itaparica eram retiradas cem a duzentas baleias anualmente, pois esse ambiente era um local para reprodução e alimentação das suas crias. Essa caça trouxe mudanças para o comportamento dos pescadores, na comunidade local. Os caçadores de baleia trouxeram todo um arcabouço de mudanças inclusive culturais, deram até o nome do padroeiro de Itaparica, São Lourenço, que, de certa forma, era o padroeiro das baleias, causou impacto na baía, afastando os animais até chegar à sua extinção. Vale citar também que, com a valorização do curtume, a destruição do manguezal foi praticamente total. Mas, antes mesmo da Ilha ter como principal atividade econômica a caça das baleias, que vai até o final do século XIX, durante mais de um século, a Ilha era o local de plantação de cana-de-açúcar e de criação de gado bovino.

Os primeiros assentamentos indígenas foram dando lugar aos engenhos de açúcar, grande riqueza do Recôncavo Baiano no período colonial.” (IPHAN, 2014)

A Ilha de Itaparica, administrativamente, é dividida em duas cidades, o município de Itaparica e Vera Cruz, por força da Lei nº 1773, de 30 de julho de 1962. De acordo com Perrone (1996), o município de Itaparica constitui-se em um só distrito, com área de 35 quilômetros quadrados, provido de extensas praias e

coqueirais. Limita-se ao norte e leste com o Oceano Atlântico, ao sul, com o município de Vera Cruz, e, ao oeste, com o de Salinas da Margarida.

Segundo Moreira (2013), e pesquisas e levantamentos decorrentes do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008), informam que a área da unidade territorial de Itaparica é de 116 Km<sup>2</sup>, em se tratando da contagem da população em 2022 era aproximadamente de 63 mil habitantes, o que equivale também para o número de pessoas residentes, cuja população é dividida em 19.789 para o município de Itaparica e 42.529 para o município de Vera Cruz.

Ainda de acordo com Moreira CF, com a implementação do sistema de transporte marítimo da Bahia, ligando a Ilha de Itaparica a Salvador, em 1960 e, posteriormente, com a construção da “Ponte do Funil”, ligando o continente à Ilha, observam-se significativas mudanças no contexto sócio-cultural e econômico dos nativos moradores da Ilha.

Exatamente nesta Ilha, encontra-se o município de Itaparica, que foi criado como território desmembrado do município de Salvador, com o nome de “Denodada Vila de Itaparica”, por Decreto Imperial de 25.08.1831. A cidade sede do município de Itaparica é essencialmente histórica, pois é símbolo da luta pela independência da Bahia. A data 7 de janeiro de 1823 expressa sua marca histórica de muitas lutas e vitórias. O município de Itaparica dispõe de sete distritos: Manguinhos, Amoreiras, Porto dos Santos, Bom Despacho, Mocambo, patrimônio de área natural, isto é, antiga área de defesa da ilha contra os invasores, Misericórdia, Ponta de Areia e a própria sede: Itaparica.

Com base no Guia Cultural da Bahia (1998, p. 61-67), as características econômicas do município itaparicano centram-se na pesca, na agricultura, produção expressiva de manga, e água mineral. Os serviços públicos, sociais e culturais oferecidos pela comuna estão assim distribuídos: escolas, biblioteca, correios, hospital, posto bancário Bradesco, hotéis, pousadas, estádio de futebol. Os principais bens representativos da cultura e da história do município são: Fonte da Bica, Fortaleza São Lourenço, Igrejas, artesanatos, grupos de capoeira e folclore, candomblé angolano, culinária típica e, claro, o escritor João Ubaldo Ribeiro, entre outros.

Em se tratando do município de Vera Cruz, ele teria sido primitivamente uma antiga aldeia desse nome, fundada em Itaparica pelos jesuítas Padre Antônio Pires e o irmão Manuel de Andrade, em 1560, posteriormente chamada de “Santa Cruz”. (Perrone, 1996, p. 27)

Hoje se sabe que a aldeia se refere à localidade denominada Baiacu, o primeiro povoado surgido no ano de 1560, quando os portugueses ergueram a primeira igreja da Ilha (2ª Matriz do Brasil), sob as bênçãos do Nosso Senhor da Vera Cruz. Explica-se, portanto, a origem do nome do município.

Distante de Salvador 6,5 km, Vera Cruz é uma comuna criada juntamente com os territórios dos distritos de Mar Grande (atual sede do município), e foi desmembrada de Itaparica, por Lei Estadual, de 31.07.1962. Todavia, o município passou a fazer parte da Região Metropolitana de Salvador, em 1937, isto é, 25 anos antes de ser desmembrado do município de Itaparica. A sede formada distrito foi elevada à categoria de cidade, concomitante à lei que criava o município.

De acordo com dados do IBGE (2008), a área de unidade territorial do município de Vera Cruz é de 253 km<sup>2</sup>, e tinha uma população estimada, em 2007, de 42.529 habitantes, o que condiz também com o número de pessoas residentes.

Da miscigenação das raças indígena, branca e negra, nasceu um povo de cor característica única, herdeiro de um jeito de hospitalidade Tupinambá, desde quando recebeu de braços abertos o português Diogo Álvares Correia, o Caramuru, inaugurando aí a receptividade ao turista, traço marcante dos nativos de Vera Cruz. (Moreira, 2013)

Assim, com base em Perrone (1996), a Ilha de Itaparica, englobando os dois municípios, integra a microrregião do Recôncavo Baiano, à distância direta de apenas doze quilômetros de Salvador, ou sete milhas de distância, que lhe faz face do outro lado do mar, ou de 283,6 quilômetros, se por via rodoviária, circundando a Baía de Todos os Santos. As principais vias de acesso à Ilha são pelo mar – através dos sistemas ferry boat e catamarã, com saída de São Joaquim – Bom Despacho e, através da lancha, com saída do Mercado Modelo – Mar Grande. Por terra, há três vias de acesso: BA-532, BA-533 e a BA-001. Pelo ar, o Aeródromo de Vera Cruz.

Perrone (1996, p. 26), ainda acrescenta:

A lei Estadual nº 26.122, de 27 de abril de 1978, confere à Ilha de Itaparica o status de floresta e reserva ecológica, com área estimada em 3.724 hectares, sob regime administrativo da Companhia do Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER). Atualmente, a ilha está inclusa na Área de Proteção Ambiental (APA) da Baía de Todos os Santos e abriga as unidades de conservação municipal: Parque Ecológico do Baiacu (Vera Cruz), APA Pinaúnas

(Vera Cruz) e Estação Ecológica Ilha do Medo (Lei nº 08 de 27/07/91-Itaparica). Com coordenadas de 12°52'45" de latitude sul, 30°41'10" de longitude oeste e altitude média de dois metros, a Ilha de Itaparica é a maior da Baía de Todos os Santos.

Tanto o município de Itaparica como o de Vera Cruz são sinônimos de paz, hospitalidade, beleza, tranquilidade e história. Juntos somam quase 63 mil habitantes que residem nesses municípios, unidos pelas praias, rios, cachoeiras, lagos, fontes, pantanal marítimo, mata primária e manguezais verdejantes. Tudo isso aliado a um acervo arquitetônico que remonta ao período colonial de grande diversidade cultural. Dentre outros costumes, ressalta-se a culinária branca, africana e indígena, derivada da miscigenação que transformou o ato de comer em um ato de prazer para os olhos, o olfato e o paladar. De sua natureza, podem usufruir os espaços para esportes náuticos, ecoturismo, eco esporte, esportes de aventura e tantas outras modalidades de lazer, sem contar com a prática do turismo religioso. (Moreira, 2013)

Em suma, podemos perceber o quanto a Ilha de Itaparica, se destaca como um território muito importante para o estado, pois para além de suas riquezas naturais, estas cidades compõem a memória cultural do povo baiano.

#### **4. O MUNICÍPIO DE ITAPARICA E O 7 DE JANEIRO**

A Ilha de Itaparica é importante no contexto turístico do Estado pelas suas ofertas naturais, as cidades que compõem a Ilha são grandes celeiros sócio-históricos para a memória cultural do povo baiano.

Nesse contexto, podemos destacar o município de Itaparica como um grande exemplo de reduto cultural para o Brasil, já que seu passado histórico demonstra uma relevante contribuição para a independência do país. Este fato é rememorado de forma constante e orgulhosa pelos seus munícipes através dos festejos da data 7 de janeiro. (Trazer o sobrenome do autor, ano e se possível a página)

Como mencionado anteriormente, o município de Itaparica consta com cerca de 19 mil habitantes, onde naturalmente essas pessoas se envolvem nos processos de transformação da cidade e despertam em si um sentimento muito forte de pertencimento, colocando-se assim com continuação da história daquele lugar. Assim,

acontece em Itaparica, quando percebe-se que não são somente 19 mil habitantes, mas sim 19 mil mentes e corações que vibram com a memória despertada no 7 de janeiro. Desse modo, esta data é a mais importante para a cidade.

Para Moura (2017) compreender a singularidade da Festa de Independência em Itaparica, é necessário situá-la no contexto deste tipo de festa na Bahia. Fixou-se a data do 2 de Julho como Independência da Bahia pois foi nesta data, em 1823, que as forças armadas portuguesas deixaram a Baía de Todos os Santos, pondo fim a uma série de conflitos que envolveram a capital e boa parte do Recôncavo, desde fevereiro de 1822, no sentido de garantir a participação da Província da Bahia no novo Estado que se gestava desde a primeira década do século XIX e que se desenhava como projeto de império em torno da figura do príncipe Pedro já no início da terceira década daquele século.

Segundo Silva (2023) “Dom Pedro I gritou independência ou morte, mas quem lutou e morreu foi o povo baiano para conseguir a independência.”

O município de Itaparica comemora no dia 7 de janeiro sua bicentenária independência. Esta data para os Itaparicanos é tal qual o 2 de julho para todos os baianos, embora elas possuam uma relação simbiótica de sucesso. O processo de Independência do Brasil, datado como 7 de setembro de 1822, para chegar a sua totalidade dependeu de várias outras batalhas espalhadas pelos quatro cantos do país. Dentre tantas, a batalha do 2 de julho é tida como a mais épica pois a mesma foi a que legitimou a verdadeira expulsão dos portugueses no território brasileiro e a transição do Brasil Colônia como Império.

Após o conhecido episódio de D. Pedro I gritar nas margens do Rio Ipiranga “Independência ou morte”, tal declaração não pôs fim às disputas e desentendimentos com Portugal, considerada metrópole, mas, sim, os agitou em algumas partes do país. Isso se deu pelo fato de algumas províncias do Brasil se mantiveram leais a Portugal, o que desembocou nas Guerras de Independência, conflitos armados entre tropas favoráveis à Independência e tropas leais a Portugal. Nesse contexto, a Bahia foi um desses locais onde aconteceram conflitos entre tropas leais a Portugal e tropas favoráveis à Independência do Brasil. Na verdade, a Bahia era um grande foco de insatisfação contra Portugal, mas também era um local considerado prioridade pela Metrópole.

É importante lembrar, que a Bahia já havia sido palco de um importante movimento separatista de interesse popular, onde reunia a insatisfação tanto das camadas populares quanto das elites contra a metrópole- Portugal, a este movimento

deu-se o nome de Conjuração Baiana. No entanto, foi um conflito que foi sufocado por tropas portuguesas. Dessa forma, a Bahia foi assumindo um perfil aguerrido que foi bastante necessário para este processo.

Quase passado um ano da declaração da independência, Portugal fazia resistência no estado baiano e estabelecia um conflito armado na tentativa de dominação do território. Neste conflito, houve grande adesão da população que movida pelo sentimento nacionalista, pegaram em armas e foram as ruas para expulsar as tropas portuguesas. Com a derrota, Madeira de Melo fugiu e retornou a Portugal. Legitimando assim, a Independência do Brasil na Bahia e se tornou a data cívica mais importante do estado.

“Todo ano, os moradores de Salvador, a segunda maior cidade do Brasil imperial (1822-1889), tiravam alguns dias de férias no início de julho para comemorar a expulsão das tropas portuguesas em 1823. O Dois de Julho era a primeira festa cívica da Bahia oitocentista, muito mais importante do que o Sete de Setembro e os outros feriados imperiais, abolidos pela República em 1889”. (Hendrick, 1999)

A batalha do dois de julho é bastante simbólica, em especial para os baianos, pois diferente dos outros conflitos, a mesma contou com a participação efetiva das camadas populares ao lado das mesmas trincheiras que militares e elites, representava a batalha do povo pelo senso de liberdade. Uma batalha genuinamente brasileira, pois uniu representações de todos os segmentos da população da época para a construção do Brasil enquanto nação, a exemplo disto, temos as figuras heróicas desta revolução que são Joana Angélica, freira, morta no fronte de batalha, representando a contribuição da Igreja Católica, temos também a Maria Quitéria, mulher baiana que se disfarçou de um soldado militar e também foi ao frontes de batalha, temos as figuras do caboclo- representação do povo baiano com símbolos indígenas, e recentemente a figura da Maria Felipa, guerreira negra Itaparicana, pescadoras e marisqueira, que liderou grupo de outras mulheres na guerrilha do 7 de janeiro e 2 de julho, representação da participação da população negra neste processo.

Como consequência disto, o País passou pelo longo processo da sua construção enquanto nação, e o mesmo acontecia nos processos micropolíticos das cidades. Dessa forma, assim como o país, os municípios na época províncias, também detinham o desejo das construções dos seus signos identitários e isso

engloba a figura dos heróis, das bandeiras, dos hinos, padroeiros e datas cívicas. Desta maneira, Itaparica e seu povo também movidos pelo sentimento nacionalista, e em virtude da sua importante participação para independência, destacada pela batalha do 7 de janeiro, de forma subjetiva e natural os itaparicanos adotaram esta data como a sua independência, e seu marco histórico mais importante, bem como, as figuras heroicas a exemplo da negra Maria Felipa e os caboclos.

A contribuição de Itaparica para o 2 de julho- Independência do Brasil na Bahia- é explicitada na tão orgulhosa batalha do 7 de janeiro. Esta batalha foi um conflito que teve como cenário a Baía de Todos os Santos e praias da Ilha de Itaparica em 7 de janeiro de 1823, entre as tropas favoráveis a D Pedro I e a Marinha e Exército de Portugal durante a Guerra da Independência do Brasil.

Como já dito, mesmo a independência do Brasil ter sido proclamada em 7 de setembro de 1822, a luta armada continuou no estado baiano com o combate da resistência de Portugal. As lutas duraram até 2 de julho de 1823, quando enfim, foi proclamada a vitória da Bahia. Em janeiro de 1823, a Ilha de Itaparica serviu de pano de fundo para a Batalha do 7 de janeiro, vitória essencial para a independência da Bahia.

É importante lembrar que a Ilha de Itaparica ocupava um local estratégico de acesso à vila de Cachoeira, QG principal da revolução contra as tropas portuguesas, além de ser reduto de suprimento de alimento a Salvador, e rota de embarcações que transportavam suprimento ao exército português. Quem detivesse o domínio deste local, teria grande possibilidade de vencer a guerra. Em vista disso, os soldados do Batalhão de Itaparica, em conjunto com a população local defenderam a ilha do ataque das tropas portuguesas, a partir da estratégia defensiva que tinha início no Forte de São Lourenço, e seguia com trincheiras com soldados e canhão, como o Largo da Quitanda, a Fonte da Bica, a Praia da Convento, além das praias de Amoreiras, Mocambo, Manguinhos, Porto dos Santos, entre outros. Estas praias, eram os locais de concentração do povo, que mesmo sem patentes militares, guerrearam bravamente, com estratégias próprias e armas muitas vezes rudimentares, no entanto, tão necessárias que os levaram ao triunfo.

As tropas portuguesas eram bem municadas, preparadas para a guerra. E o itaparicano, o pescador, a marisqueira, além de não terem o preparo, não tinham a munição. Eles usaram o que a inteligência deles permitiu: faziam buracos e quando a nau era vista, eles entravam nessas trincheiras e aguardavam que os portugueses. (Costa, 2017)

Neste confronto, se destacou a personagem histórica, que a Ilha de Itaparica tem o orgulho em emprestar para toda a Bahia no 2 de julho, a negra Maria Felipa de Oliveira. Ela teria chefiado um exército de 40 mulheres para lutar contra os soldados portugueses durante a batalha, notavelmente nas trincheiras da praia do convento. Maria Felipa é reconhecida na memória coletiva do povo da ilha de Itaparica, como um exemplo aguerrido de coragem, determinação e liberdade. Embora, por décadas seus méritos foram invisibilizados e até mesmo sua existência ser questionada por alguns estudiosos, recentemente a mesma foi reconhecida como heroína da pátria.

## **5. DOCUMENTÁRIO**

Para compreender a construção do produto desta memória, é preciso entender o conceito de documentário para compreender a criação e abordagem do trabalho final deste memorial. Antes de definir o documentário, trago o conceito de curta - metragem, pois é utilizado para compor o produto desse memorial.

Uma breve pesquisa no dicionário Priberam (2008-2013), nos revela que curta-metragem é um filme curto, cuja duração é inferior a 30 minutos. Segundo Nichols (2005), todo filme é um documentário, pois evidencia a cultura que o produziu, e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. O autor classifica essa linguagem fílmica em dois tipos: documentários de satisfação de

desejos e documentários de representação social, cada uma conta uma história, porém suas narrativas são distintas.

Segundo Nichols (2005, p. 26): “poderíamos dizer que existe dois tipos de filmes: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas essas histórias ou narrativas, são de espécies diferentes”.

De acordo com os pensamentos de Nichols (2005), o tipo de documentário que produzimos é o de representação social – pelo fato de não se tratar de uma ficção e representar de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos. “Os Festejos do 7 de Janeiro como maior símbolo de Identidade do Povo de Itaparica”, traz na sua concepção questões do mundo que habitamos, como a ideia de pertencimento e identidade, configurando-se nos aspectos sociais da linguagem fílmica.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário. (NICHOLS, 2005, p.30)

O filme aqui apresentado nos traz aspectos visuais e auditivos que reforçam a ideia de protagonismo da história local, através de relatos, e imagens que mostram a paixão do povo Itaparicano pela nossa história e como ela perpetua desde quando o se constitui como Brasil.

## 5.1 METODOLOGIA DO PROJETO AUDIOVISUAL

### APRESENTAÇÃO

O documentário O 7 de Janeiro a Festa do Povo Itaparicano, é um trabalho de conclusão do curso de Produção em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. O projeto tem como ideia principal gravar depoimentos de pessoas envolvidas de alguma forma com os Festejos do 7 de Janeiro, e mostrar qual é a relação da pessoa com esse evento.

Com o objetivo de reforçar e enaltecer a representatividade que o 7 de janeiro tem para a história de Itaparica, e os Itaparicanos, o filme é uma mescla de imagens dos Festejos pela rua da cidade do dia 06 ao dia 09 de janeiro, passando pelo Jardim dos Namorados com os fachos e apenas o carro do caboclo no dia 06, a saída da Sede dos Caboclos de Itaparica no Largo do Senhor do Bonfim, em direção ao Centro da cidade, a passagem pela casa de Dona Angelica, a benção na Igreja de Santo Antônio, a retirada da imagem do Caboclo da Prefeitura, o encontro do Caboclo com o carro, em seguida o Te Deum e a Encenação do Auto da roubada da Rainha na aldeia no dia 07, no dia 08 o grupo sai da sua Sede em direção a aldeia e dia 09 é a guardada do carro e da imagem do Caboclo, paralelo a essas imagens mas sempre conversando com elas depoimentos de pessoas que vivem, ou já viveram os Festejos e suas experiências.

O público alvo do filme é toda a sociedade, a história do documentário, faz parte da história do Brasil, um olhar singular de pessoas de diferentes idades, classes sociais, crenças, escolaridade, mas que vivem a festa com a mesma paixão e verdade, essas pessoas são as responsáveis pela manutenção da cultura local, temos dentro do quadro de entrevistados um dos primeiros integrantes do grupo e um estreante do cordão, e o que move os dois é a mesma coisa, é a ancestralidade, é o amor pela nossa cultura.

## 5.2 JUSTIFICATIVA

Celebrada há exatamente 202 anos, a Festa de Independência de Itaparica acontece todos os anos na primeira semana do mês de janeiro. Uma festa popular que tem um sincretismo muito forte, é uma festa de muito orgulho para os Itaparicanos e muita participação dos visitantes.

O 7 de janeiro, é a data festiva mais completa da cidade, pois combina, a história, a cultura, a fé, a diversão com os grandes shows, e o fortalecimento do

turismo local por acontecer no período em que a cidade está completamente lotada. O que ajuda a divulgar a nossa história por todos os cantos do Brasil e do mundo.

A presença do caboclo quebra com toda lógica de desfile cívico do nosso país, com exceção do 2 de julho em Salvador, onde a figura central não são militares, ou autoridades: prefeito, governador, etc. A figura central da festa é o caboclo e em torno dele gira todo um movimento, o caboclo é um símbolo do Brasil, ele naquele momento é mais importante que a nossa própria bandeira, ele se torna mais um emblema da nação. (Brito, Felipe 2025).

A partir do ano de 2022 começaram a acontecer no período do 7 de janeiro, festivais de músicas, com grandes atrações nacionais, e isso foi um ponto de preocupação. Será que os super shows, apagariam o real sentido da festa, mas não foi o que aconteceu. A parte cultural cresceu paralelamente com o Festival. Com investimentos financeiros da gestão municipal para manutenção do grupo os Caboclos de Itaparica, a presença do governador do Estado, todo dia 7 no cortejo cívico-cultural.

Economicamente falando, é a melhor época da cidade para o setor, hotéis, restaurantes, praias, mercados, tudo lotado. O setor de transporte também fatura bastante nesse período.

### 5.3 OBJETIVO GERAL

Mostrar que a Festa do 7 de Janeiro, não se resume aos grandes shows, que o que comemoramos durante os dias 6 a 9 de janeiro, é a Vitória do Povo Itaparicano sobre as tropas Portuguesas.

### 5.4 OBJETIVO ESPECÍFICO

Dar mais visibilidade à participação crucial que a população de Itaparica tem na manutenção e continuidade dos Festejos Culturais do 7 de Janeiro.

### 5.5 PÚBLICO ALVO

A ideia é que o filme atinja o maior número de pessoas, a história de Itaparica precisa ser conhecida por todo o Brasil, porque a História do Brasil começou em Itaparica.

## 5.6 CRONOGRAMA

FASE	ATIVIDADE	INÍCIO	FINAL
Pré Produção	Entrar em contato com os entrevistados.  Alinhar com a 'equipe de gravação' os takes importantes.	20.12	03.01
Produção	Acompanhar as duas equipes de gravação durante os dias de programação cultural	06.07	09.07
	Gravar as entrevistas		
	Editar o filme	14.01	15.01
		21.01	04.03
Pós Produção	Apresentação final	10.01	10.01

## 5.7 ETAPAS DO PROJETO

A partir de agora falarei como foi todo o processo de criação do filme, as parcerias, os contratemplos, as descobertas, os desafios. Dividi essa parte da memória da seguinte forma: Pré - produção, Produção, Perfil dos entrevistados, Entrevistas, Roteiro, Edição, Trilha sonora, desafios encontrados.

### 5.7.1 PRÉ PRODUÇÃO

Até chegar ao produto final desse trabalho passei por 3 temas mas não consegui desenvolver e delimitar nenhum deles. Para que possam entender melhor a escolha do meu tema de trabalho irei me apresentar rapidamente.

Me chamo Vitória Cezar Gonçalves, tenho 29 anos, sou nascida, criada e residente em Itaparica, tenho uma filha de 10 anos, e sou há 4 anos coordenadora de eventos da minha cidade. Eu assim como todas as crianças que moram no Centro de Itaparica, sempre tivemos uma relação muito forte com a Festa do 7 de janeiro, de acompanhar o cortejo, de querer ou segurar o facho, assistir a Encenação do Auto da Roubada da Rainha, de querer participar de alguma forma daquele evento.

Mas trabalhando na secretária em um projeto onde fui monitora da Exposição “Cores da Liberdade: Memórias da Independência do Brasil na Bahia, onde recebia turistas, e turmas escolares com crianças da rede privada e pública de ensino descobrir que muitas crianças que não residem na sede da cidade não conhecem a sua própria história, e nunca tiveram contato com os Festejos culturais do 7 de janeiro. Essa poderia ser uma problemática, mas além dessa questão, ainda tinha um possível apagamento da Parte Cultural da Festa, que é mais importante, pelos grandes shows musicais.

Desde 2022 a Gestão Municipal vem fazendo grandes investimentos na área do Turismo e Cultura com grandes eventos em épocas importantes do ano, e o 7 de janeiro é a maior de todas elas, durante esses 4 últimos anos já participaram nomes como: Vanessa da Mata, Paralamas do Sucesso, Matheus e Kauan, Mari Fernandez, Léo Santana, Maiara e Maraisa entre tantos outros, o que movimentava demais a cidade trazendo um número expressivo de visitantes.

A princípio eu iria falar sobre essa relação dos Festejos Culturais Tradicionais e os Grandes shows, por estar inserida dentro do processo de organização tinha a impressão que a parte cultural estava perdendo força, mesmo com os grandes investimentos que a gestão vem fazendo de 2021 pra cá, junto com o Governo do Estado que no ano passado iniciou o processo de patrimonialização do Bem cultural Imaterial dos Festejos Cívicos do 7 de janeiro.

Comecei o processo de pesquisa e conversas pensando nesse paradoxo entre os Festejos Culturais e os Grandes shows, em outubro mas estava com

dificuldade de me distanciar do cargo que ocupo e as informações que tenho para avançar com o trabalho.

Entre as pessoas com quem estava conversando para começar a estruturar meu trabalho tinha Felipe Brito, meu primo, historiador local, apaixonado pela nossa cidade, e em uma das nossas conversas ele me disse a seguinte frase “ Minha prima não sei como, mas é tudo igualzinho desde 1939” foi daí que surgiu a ideia de falar sobre a relação do Povo Itaparicano com o 7 de janeiro.

A partir daí fiz uma breve pesquisa sobre os conceitos de Pertencimento e Identidade, Espetacularização das Culturas Populares a parte teórica do trabalho. Em seguida fui em busca de pessoas que poderiam contar sua relação com a festa.

### 5.7.2 PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

Felipe Brito: 32 anos, Itaparicano, estudante de História, apaixonado pela história e cultura de Itaparica, é reconhecido nacionalmente pelos estudos feitos em defesa da História de Maria Felipa, uma das nossas heroínas populares protagonista na Luta pela Independência de Itaparica.

Cida Sacramento: 56 anos, Itaparicana, uma das grandes defensoras da cultura da cidade, participou de momentos importantes da história política de Itaparica, foi primeira dama por 2 vezes.

Raimundo Sacramento: 81 anos, Itaparicano, foi prefeito de Itaparica por 2 mandatos, Raimundo vivenciou todas as fases da Festa do 7 de janeiro.

Augusto Albuquerque: 53 anos, reside em Itaparica há 22 anos, gerente administrativo do Sacatar, pesquisador da história local por muitos anos, tem muita propriedade para falar sobre a Festa.

Sergio Caldas: 33 anos, Itaparicano, Piloto de Helicóptero. Emanuel Pita: Atual Presidente da Associação Cultural Caboclos de Itaparica. Janesson Gonçalves: 28 anos, Itaparicano, Diretor Municipal de Cultura.

Joel Santos: 64 anos de idade, participa do grupo desde os 8 anos, se afastou há 5 anos, por desentendimentos internos.

Joel foi por muito tempo o guardião da imagem do Caboclo.

Tania Regina Bitencourt: 65 anos, participou dos Caboclos de Itaparica durante 39 anos, como Porta Bandeira.

Reynan Fabrício Reis: 8 anos, Itaparicano, integrante do grupo Caboclos de Itaparica.

### 5.7.3 PRODUÇÃO

A primeira parte das gravações aconteceram entre os dias 06, 07, 08 e 09 de janeiro, durante os Festejos Culturais, consegui ajuda com um amigo (Lucas Souza), que todos os anos faz registros da Festa e pedi autorização para a secretária de Comunicação e Governo da Prefeitura para ceder as imagens da equipe de marketing contratada (Blanco Production) , passei um roteiro simples, com algumas cenas que precisaria para fazer a minha narrativa, e acompanhei todo o cortejo com eles, por se tratar de imagens cedidas, e pelo tipo de evento também, “o aqui e agora” tive um pouco de receio de não conseguir imagens que conversassem com o minha proposta e com o meu roteiro. Mas as imagens ficaram muito boas.

As entrevistas, eu mesma gravei nos dias 14, 15 e 20 de janeiro, pedi para que eles me respondessem as seguintes perguntas: qual era a relação deles com a festa, e o que o 7 de janeiro representava para ele(a). As respostas de alguns entrevistados conversaram perfeitamente com a parte teórica do trabalho. Recebi ajuda do meu namorado, que foi meu motorista e emprestou o celular para fazer as gravações, o microfone lapela que comprei para me auxiliar na gravação não chegou a tempo, tive alguns problemas com o áudio de alguns depoimentos, mas nada que atrapalhasse o entendimento das falas. No meio do processo de gravação das entrevistas, comecei a busca por um editor, pedi algumas indicações e conheci Bruno Ruas, recém chegado na cidade, Bruno é produtor de vídeo há 20 anos. Formado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas pela UNIFACS. Pós graduando em Linguagem de Mídia e Audiovisual pela UNIJORGE. A frente da produtora PINAÚNA Filmes atua sobretudo no mundo corporativo com clientes como Braskem, Petrobras, Continental, entre outros. Atualmente se insere no mercado internacional e atende empresas de pequeno porte na Alemanha, Suíça e Espanha. A semântica audiovisual é sua maior paixão.

## 6. EDIÇÃO

A edição do filme foi a parte que mais me preocupou durante o processo, por ter sido gravado muito próximo da data de apresentação, e simplesmente todas as pessoas conhecidas que poderiam fazer essa edição estarem ocupadas, para

otimizar o tempo comecei a fazer uma seleção das imagens que recebi da parte Cultural da Festa.

Depois do “contrato” fechado com Bruno, me reuni com ele 5 vezes ao todo, sempre depois do trabalho para editar o filme. Ao todo foram 13 horas editando material, eu já conhecia a história, já estava familiarizada com os vídeos e já sabia a narrativa que queria. O meu editor não, ele não era da cidade, não conhecia a festa, nem os Caboclos, e não sabia da importância desse evento para a população Itapararicana.

Então o primeiro dia,(21.01) foi para familiarizar o editor, ele viu todo o material, contei um pouco da história através dos vídeos e depoimento dos convidados, e fizemos uma primeira organização do filme.

O segundo encontro (23.01) começamos a fazer os cortes mais importantes das falas, a fazer as conexões entre falas de convidados distintos, a adicionar imagens, começamos a montar a ideia do primeiro roteiro, que a princípio era um filme para valorizar mais a fala das pessoas.

No terceiro dia (27.01) ele já tinha tratado todo o material selecionado até ali, fomos adicionando mais alguns vídeos, pedi pra colocar algumas músicas, identificamos os convidados.

No quarto dia (28.01) precisamos fazer algumas modificações por causa da qualidade de algumas imagens que precisaram ser convertidas devido a um problema no áudio final, acrescentei algumas imagens antigas do grupo Caboclos de Itaparica no vídeo também.

Dia 30.01 mandei a primeira versão para o professor, que fez algumas observações, sugeriu que eu mudasse a direção do filme, pediu mais movimento, que valorizasse mais a festa em si, do que os convidados.

Dia 04.01 retornei a casa de Bruno para fazer as modificações sugeridas pelo professor, como já tinha feito uma seleção prévia dos vídeos, foi tranquilo fazer esses ajustes.

## 7. EQUIPE E CUSTOS

NOME	FUNÇÃO	VALOR
Lucas Souza	Imagens	sem custos
Blanco Productions	Imagens	sem custos
José Neto	apoio geral	sem custos
Bruno Ruas	editor	R\$850,00
Vitória Cezar	diretora e produtora	sem custos

## 8. ESCOLHA DO TÍTULO DO PROJETO

O primeiro título do projeto era: A Festa do 7 de janeiro como maior símbolo de Identidade do povo Itaparicano, batizei o trabalho assim enquanto eu fazia a pesquisa do referencial teórico, a ideia trazida por Moriconi (2014) sobre Pertencimento e Identidade representa muito a relação do povo de Itaparica com a Festa do 7 de janeiro. Mas por sugestão do meu orientador diminui o título para: O 7 de Janeiro a Festa do Povo Itaparicano.

## 9. IDENTIDADE VISUAL

Representando o protagonista do 7 de janeiro (o caboclo Guarani-Tupinambá), a identidade visual do filme, é um print de um dos vídeos de Lucas Souza. Feito por Jean Pereira a animação, sintetiza muito bem a ideia principal do filme, nela foi adicionada a bandeira da Bahia, ao fundo, para contextualizar melhor com a proposta.



## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui, não foi um processo fácil, mas foi muito enriquecedor, a minha grande dificuldade foi organizar meu tempo para conseguir dar conta da produção, podia ter feito mais. Mas acredito que consegui passar de forma sutil, porém firme e com muita propriedade, que através de depoimentos de pessoas vão de um dos principais representantes dos Caboclos (Joel Santos), até uma criança de 8 anos que não tem nenhum familiar inserido no grupo mais pediu as mães para participar (Reynan Reis), a mensagem que queria. A que o Caboclo é o dono da Festa.

O período de gravações coincidem com o período em que meu fluxo de trabalho é gigantesco, então conseguir organizar roteiro, entrar em contato com os convidados, alinhar minha agenda de trabalho com a rotina dos entrevistados, foi um grande desafio

## REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, T. M. F.; PERONI, V. A formação das novas gerações como campo para os negócios? In.: AGUIAR, M. A. S.; DOURADO, L. F. **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e Perspectivas**. [Livro Eletrônico]. – Recife: ANPAE, 2018. Disponível em: <  
<http://www.anpae.org.br/website/noticias/424-2018-05-24-18-14-11>> . Acesso em 05 de setembro de 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 280 p.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 1999, p. 22
- IPHAN. **História - Itaparica (BA)** Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1394/> Acesso em 17 de outubro de 2024
- IPHAN, Siviero, Fernando Pascuotte. Um mapa para outros fazeres: Territórios educativos e patrimônio cultural, 2014, Disponível em:  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DissertacaoPEP\\_FernandoPascuotteSiviero.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DissertacaoPEP_FernandoPascuotteSiviero.pdf) Acesso em 17 de outubro de 2024
- CARVALHO, de José Jorge. **A ‘Espetacularização ‘e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina**. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 14, vol.21 (1): 39-76 (2010)
- DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. 1992. (Apagar, mas antes deve levar para as referências)
- MEIRA TRIGUEIRO, Osvaldo. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediático**. 2006. (Retirar mas incluir nas referências do trabalho)
- MOREIRA, Cristiane F. **A ilha de itaparica**. 2013. (Retirar, mas levar para as referências)
- MOURA, Milton. **O Caboclo Eduardo e a Festa do 7 de Janeiro em Itaparica, Bahia**. Revista Brasileira de História das Religiões, 2017
- SILVA, Luis Inácio Lula. **Discurso do bicentenário da independência da Bahia**, 2023.
- COSTA, Cassimélia Barbosa Pedreira. **Jornal Correio. Itaparica: batalha de 7 de janeiro de 1823 expulsou portugueses**. 2017.

NICHOLS, Bill **Introdução ao documentário/Bill Nichols**; tradução Mônica Saddy Martins. - 5a Ed. Campinas, SP: Papirus, 2005. - (Coleção Campo Imagético).

CURTA-METRAGEM, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/curta%20metragem>> Acesso em 31 jan. 2025. Guia Cultural da Bahia (1998, p. 61-67)

PERRONE. (1996). **A ilha de itaparica**. 2013.

**ANEXOS**

## AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a titulo de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025



Assinatura

Nome:	EMANUEL PITTA DE BRITO
Rg:	040.98926-70
Telefone:	71987670996
Nome de representante legal (se menor):	

## AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a titulo de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

  
Assinatura

Nome:	Maria Aparecida Cesar Dacramento
Rg:	09. 944-610-95
Telefone:	(71) 99645-8775
Nome de representante legal (se menor):	

## AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

*Raimundo Novato do Sacramento*  
Assinatura

Nome:	<i>Raimundo Novato Sacramento</i>
Rg:	<i>013.793.005-20</i>
Telefone:	<i>(71) 99999.6505</i>
Nome de representante legal (se menor):	

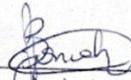
**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, videos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

  
Assinatura

Nome: Janesson Bispo Gonçalves
Rg: 1424004241
Telefone: 71-99702-7943
Nome de representante legal (se menor):

### AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

*Ania Regina de Souza Bittoncast*  
Assinatura

Nome:	<i>Ania Regina de Souza Bittoncast</i>
Rg:	<i>03.646357-93</i>
Telefone:	<i>71993464959</i>
Nome de representante legal (se menor):	

### AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior. Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

*Sérgio Noqueira Caldas Filho*

Assinatura

Nome:	SÉRGIO NOQUEIRA CALDAS FILHO
Rg:	10098213-18
Telefone:	71 98748-8066
Nome de representante legal (se menor):	

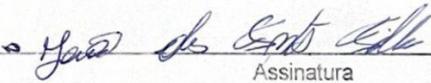
**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

  
Assinatura

Nome:	João dos Santos Filho.
Rg:	02 886 016 02
Telefone:	
Nome de representante legal (se menor):	

## AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a titulo de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

*Luciane Pereira Bonaldi*

Assinatura

Nome:	<i>Reynan Fabrício Reis Borqueto</i>
Rg:	<i>Não possui</i>
Telefone:	<i>71 988793212</i>
Nome de representante legal (se menor):	<i>Luciane Pereira Bonaldi</i>

### AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025

  
Assinatura

Nome:	Augusto Sergio Albuquerque Soares
Rg:	042 BA M.976
Telefone:	71 991346373
Nome de representante legal (se menor):	

**AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados para compor a produção audiovisual intitulada "O 7 de Janeiro: A Festa do Povo Itaparicano. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos, e filmes, documentários) internet, banco de dados informatizado multimídia, home video, divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFBA, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utiliza-los em todo e qualquer projeto ou obra de natureza sócio-cultural voltada à preservação da memória em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que jaha a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem e/ou som de voz, assino a presente utorização.

Itaparica, 12 de fevereiro de 2025



Assinatura

Nome:	FELIPE CANTOS PEXOTO BRITO
Rg:	1369265760
Telefone:	71999429542
Nome de representante legal (se menor):	



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO

Salvador, 10/02/2025

**Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso**

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Os festejos do 7 de janeiro como maior símbolo de identidade do povo de Itaparica**”, de autoria de VITORIA CEZAR GONCALVES, sob orientação de Leonardo Abreu Reis, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por José Roberto Severino e Milton Araújo Moura.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	
Examinador(a) 2	10,0	
Orientador(a)	10,0	

**Média final** (valor numérico): 10,0

**Média final** (por extenso): Dez